

Maria Sofia Magalhães



CAMINHO  
DOS  
OSSOS





1.  
**Manual de sobrevivência**

Agarro as pontas do mundo, por baixo do fundo ou de cima das nuvens, sempre distante. Observo cientificamente os humores, os sentidos, as vontades, os desesperos, de uma forma mais ou menos ténue, como se nada me tocasse.

Trato a decrepitude do corpo, as pernas enroladas por veias nodosas, as articulações preguiçosas, os músculos doridos, as insónias constantes, a desidratação do cérebro, como um pequeno detalhe na roda dentada da vida. Mais entalhes e mais dentes, o tempo decorre aos soluços e eu desprendo-me dos restos do mundo para um fundo só meu, muito meu.

## Troféu

Reduzo a pó o caminho dos ossos  
moldo a dor como um troféu  
sopro-lhe devagar  
e o sangue goteja  
numa orgia de pena  
e paixão.

Abro os olhos e vejo  
um saco vazio  
no chão.

## Gelo

Não quero sentir o calor de uma mão  
o abraço de um olhar  
qualquer meio sorriso de quem entende  
dias de negro e chumbo.  
Não quero nada que derreta os muros fundos  
fossos de gelo que tão laboriosamente  
sustento.

## Rios escuros

Dias perdidos de plenitude  
horas longas e vagarosas  
desmanchadas em neblina  
rios escuros correm ao lado.

Vemos passar a vida e perguntamos  
porque não passamos nós pela vida.

## Que se arrasta

1.  
Às portas da cidade entre  
os passos da chuva e o bramir  
da multidão correm os olhos. É mais  
o ruído das vozes interiores o rodopiar  
de sentidos entre os dedos que o coro  
anónimo que se arrasta de gente.

2.  
Dói-me a tua mão que falta  
o ardor do exato local  
onde não estás.

3.  
Perfeição de músculo câmaras de entrada  
e de saída sem refluxos  
nem arritmias. Já nem de corda  
mas digital corações  
automáticos. Espero transplante  
cerebral.

## Frémido

Tento precisar o momento da desistência.  
Um frémido nos lábios um recuo dos ombros  
um leve cerrar de olhos que não se percebe  
que não se alcança. Tento apagar  
a sombra que se instala.

Entre a luz da certeza  
o intervalo da negação.

## Mosto

A um qualquer dia de uma qualquer noite  
chegaremos ao mar  
e o incêndio de quem caminha reduzirá a mosto  
os frutos do tempo.

A uma qualquer noite de um qualquer dia  
procuraremos desenhar  
o que falta do navio as fogueiras dos instantes  
que sabemos naufragar.

## Placa giratória

Arrasto os pneus pela calçada  
adentro a força centrípeta do ímpeto  
em placa giratória para o mundo.

Arrasto os dedos pelo teclado  
adentro a culpa centrífuga do músculo  
instante obrigatório do segundo.

## Inclinação

A tarde com as mãos na terra  
ervas e aromas acalmam o dia.  
Lá fora os ruídos do mundo sem chão  
e as palavras sem rega nem regras  
sem perdão.

“ Caminhos que desenhamos na corda de um tempo irreconhecível, na borda do pó em que se desfaz o futuro. Olhamos para dentro e o mundo continua, mais descarnado e visível que os dedos com que seguramos a vida.

Resistimos soprando folhas quebradas, remendamos os afectos que se reciclam, que se oferecem, que nos confortam e alimentam.

Não vemos as fronteiras que se impõem, de sangue ou de cinza, mas para lá dirigimos o olhar que se levanta, calcamos os ossos e avançamos.”

Maria Sofia Magalhães